

HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA NO MUNICÍPIO DE SAPEZAL¹

Maria Margarete Noronha Valentim

RESUMO

A escolha desse tema sobre História da Educação Escolar Indígena no Município de Sapezal ocorreu porque tem-se a pretensão de mostrar as pessoas conhecessem a história de como tudo começou. Mostrar as lutas coletivas de se construir uma educação escolar específica desejada pelas comunidades e também mostrar a diferença da educação tradicional para que compreendam essa diferença e valorize a diversidade local. Foi necessário discutir bastante entre as duas esferas aldeia e Secretaria de Educação, como trabalhar com as práticas pedagógicas dentro da sala de aula respeitando os interesses próprios das comunidades assim voltadas para o seu cotidiano, onde buscavam fortalecer sua identidade e das experiências diante da vida e do universo, onde está posta na Constituição de 88, o direito de seus ensinamentos próprios de aprendizagem dando a oportunidade que ter seu próprio currículo e de manter sua cultura, no que diz respeito sobre suas cerimônias, rituais passagem das fases, etc. Quando se fala em Educação Escolar indígena temos que apresentar as experiências decorridas desde século XV, para entendermos o contexto que vem do poder político-econômico e da evangelização.

Palavras-chave: Educação Tradicional. Educação Escolar. Experiência.

ABSTRACT

The choice of this theme on Indigenous Education History in the City of Sapezal occurred because one has the intention to show people knew the story of how it all began. Show the collective struggles of building a school education specifies desired by communities and also show the difference of traditional education so that they understand this difference and appreciate the local diversity. It was necessary to discuss a lot between the two village balls and Department of Education, working with the teaching practices in the classroom respecting the personal interests of well targeted communities for their daily lives, which sought to strengthen their identity and experiences to life and of the universe, which is set in the Constitution of 88, the right to their own teaching learning giving the opportunity to have their own curriculum and to maintain their culture, in respect of their ceremonies, rituals passing phase, etc. When it comes to indigenous school education have to present the experiences elapsed since the fifteenth century, to

¹ Artigo Científico apresentado à disciplina de Metodologia elaborado a partir de estudos referente: O método fônico e a consciência fonológica na pré-escola. Solicitado no Curso Maestria em Ciências de La Educacion - Mestrado da Universidad Internacional Tres Fronteras –UNINTER. Trabalho orientado pela Professora Dra. Regina Menacho.

understand the context that comes from political and economic power and evangelization.

Key words: Traditional Education. School education. Experience.

1. Introdução

A importância de realizar esta pesquisa surgiu em decorrência de versar sobre a história da educação Escolar Indígena no Município de Sapezal, onde trata de apresentar as lutas coletivas com a participação da comunidade indígena especificamente no Município de Sapezal, onde residem vários grupos indígenas que passam atualmente por todos esses processos de escolarização no Estado. Houve a necessidade inicialmente em mudar as práticas de avaliação com o objetivo de atender os interesses desses povos, amparada nas políticas públicas. Assim como houve a conquista da formação de professores índios com o propósito de assumirem as escolas das suas aldeias.

O processo de escolarização deu início com as primeiras escolas indígenas atendidas pelo município de Sapezal: Escola Zanakwa na aldeia Utiariti, Halotesu na aldeia Três Jacu em 1997. Neste mesmo ano foi criada a Escola Yeptei na aldeia Caititu do povo indígena Nambikwara e reativamos a Escola Salto da Mulher na aldeia Salto da Mulher do povo Paresi. Amparada por um projeto composto por três eixos fundamentais para o desenvolvimento do currículo nas escolas das comunidades indígenas, baseando em território, língua e cultura.

Portanto, houve muitas mudanças, inclusive os avanços que surgiram nas escolas indígenas do município de Sapezal. A maioria dos grupos indígenas hoje reivindica uma escolarização formal com características próprias e diferenciadas, respeitadas e reforçadas suas especificidades culturais.

2. HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA NO BRASIL E NO MATO GROSSO.

Para falar da história da educação escolar indígena no Município de Sapezal, vamos entender um pouco da história da educação escolar indígena no Brasil e no Mato Grosso.

A Educação Escolar Indígena no Brasil teve início com os colonizadores portugueses com o objetivo de integrar o índio à sociedade ocidental e cristã. Essa tarefa coube aos missionários religiosos implementando entre os indígenas uma ação educacional na prática da catequese.

O processo da independência política no Brasil não trouxe mudanças na área educacional. A educação continuou sendo realizada nos moldes tradicionais da catequese, e da civilização, agora não mais pelos jesuítas, mas por outros ordens e congregações religiosas.

A primeira Constituição brasileira, outorgada em 1824, ignorou completamente a existência dos povos indígenas. O Ato Institucional de 1834 designava como de competência das assembleias das Províncias a tarefa de promover a catequese. No período Republicano não ocorreram mudanças. Na Constituição de 1891 as questões indígenas foram completamente ignoradas.

Na primeira metade do século XX, o Estado delegou a maior parte da tarefa educacional às instituições religiosas e organizações governamentais militares. Sob o comando do governo de Getúlio Vargas (1934), reconhece-se a posse das terras dos índios permanentemente nela localizados.

A Constituição de 1988 trás conquista significativa no que concerne aos direitos indígenas. São reconhecidas formas próprias de ser e de viver. (art. 231)

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996 reforça a legislação educacional disposta na Constituição Federal, o direito de uma educação bilíngüe e intercultural e o reconhecimento perante as demais sociedades indígenas e não - indígenas.

Assim foi pensada a educação fora da religião. Dentro dessa proposta, os objetivos se voltam para a formação de professores indígena, para a elaboração de currículo e matéria específico que dizem respeito á língua materna e aos processos próprios de aprendizagem.

Aqui no Estado de Mato Grosso o processo de escolarização impostos aos índios ao longo de quinhentos anos, não se diferenciou dos demais estados.

A primeira escola imposta a uma comunidade indígena foi no final do XIX, que continuava a antiga aliança entra o Estado e a igreja, não pelos Jesuítas, mais pelos salesianos.

Segundo Bordignon (1987) a iniciativa se deu-se a pedido do então presidente do estado, Manuel José Murtinho, e objetivava manter reunidos em colônias militares os índios Bororo que aceitaram o batismo cristão. A partir de então, diversas escolas foram implantadas.

A segunda vertente dirigido às populações indígenas em Mato Grosso foi introduzidas pelos militares positivistas capitaneados por Rondon e pelo SPILT. Utilizando-se das instalações das principais estações telegráficas e do processo de ocupação dos rios Teles Pires, a partir de 1910, foram mantidas em funcionamento de forma intermitentes diversas escolas destinadas aos índios Bakairi, Bororo, Paresi, Nambikwara.

Nas décadas de 1970-80, entram a FUNAI no cenário da educação escolar indígena, manteve a oferta da educação escolar para os povos do Xingu, Bakairi Paresi, Nambikwara, Bororo, Xavante. Os indigenistas e missionários da OPAN e CIMI marcaram presença junto aos Tapirape, Karajá, Rikbatsa e Myky. As prefeituras criaram escolas em diversas aldeias e a Secretaria de Estado de

Educação passou a cobrir gastos como infraestrutura e pagamentos para algumas pessoas que atuavam nas escolas indígenas. (3º Grau Indígena-Projeto de Formação de Professores Indígenas-Barra do Bugres MT 2001)

Mato Grosso é um território habitado por inúmeras nações indígenas e dentre elas a nação Nambikwara e Paresi. Na terra indígena Tirecatinga moram os Nambikwara e na terra indígena Utiariti moram os Paresi que estão localizados também no município de Sapezal, além de outros municípios. (VALENTIM, 2010)

Nessa região sempre existiu população indígena que usavam diferentes partes de seu território para funções distintas: caça, pesca roça e cerimônias. Com o passar dos tempos foram criadas escolas nas aldeias, aonde os povos pudessem trabalhar com a especificidade e também afirmar a identidade do povo, buscando e revitalizando a sua cultura e ate mesmo para assegurá-las.

2.1. Educação Escolar Indígena no Município de Sapezal - MT

Nessa região onde fica o Município de Sapezal, moram vários grupos indígenas que passaram por todos esses processos de escolarização no Estado, onde foi preciso, portanto mudar essas práticas avaliá-las, para encaminhá-las de forma que viessem a atender aos interesses desses povos, como caráter de política públicas.

Os povos lutaram e conquistaram vários espaços no ramo da educação escolar indígena, e uma delas foram à formação de professores índios para que eles próprios assumissem as escolas das suas aldeias.

O Município de Sapezal é muito jovem, apenas com 17 anos de instalação político administrativa, localiza-se no médio norte mato-grossense, a 480 quilômetros da capital, Cuiabá. É um município essencialmente agrícola, formado por grandes produtores rurais, possui uma extensão territorial de 13.692,88 quilômetros quadrados e uma população consideravelmente pequena, apenas

20.000 habitantes aproximadamente, porém em franco desenvolvimento e recebendo a cada ano muitas famílias oriundas de todos os estados do país. (ATLAS DE SAPEZAL, 2004)

O processo de escolarização em algumas aldeias deste município se deu por Diamantino, Campo Novo dos Parecis e depois em 1997, Sapezal deixa de ser distrito de Campo Novo dos Parecis se tornando Município, onde passa a assumir as escolas indígenas que ficaram em seu território a partir da divisão. (VALENTIM, 2010).

As primeiras escolas indígenas atendidas pelo município de Sapezal foram: Escola Zanakwa na aldeia Utiariti, Halotesu na aldeia Três Jacu em 1997. Neste mesmo ano foi criada a Escola Yeptei na aldeia Caititu do povo indígena Nambikwara e reativamos a Escola Salto da Mulher na aldeia Salto da Mulher do povo Paresi. (VALENTIM, 2010).

O Município de Sapezal passa a assumir além das Escolas das aldeias, o compromisso de parceria no Projeto Tucum – Formação de Professores Indígena no Magistério, que nasceu através das lutas das comunidades indígenas que algum tempo anseiam pela implementação de programas educacionais diferenciados para que os professores indígenas do ensino fundamental possam dar continuidade a sua formação e aprofundar mais os seus conhecimentos.

Diante disso, o município de Sapezal tinha que manter uma pessoa para acompanhar pedagogicamente os professores indígenas, tanto na etapa intermediária como na intensiva, que se chamaria de monitor (a) dentro deste programa. Assim, passamos a assumir esse cargo para acompanhar os trabalhos desenvolvidos nas aldeias, levando várias proposta para ajudar os professores nas atividades pedagógicas.

Participavam do Projeto Tucum cinco cursistas pertencentes ao Município de Sapezal, Terezinha Amaizokairo, Laurinda Nambikwara, Maria Ilda Irantxe,

Cecília Irantxe e Sandra Aparecida Azomaizokairo. Ficando a responsabilidade do Município em contratá-las e dar a formação continuada.

O projeto tinha três eixos fundamentais para o desenvolvimento do currículo nas escolas das comunidades indígenas, baseando em território, língua e cultura.

No decorrer destes dezessete anos, muitos avanços surgiram nas escolas indígenas do município de Sapezal, até porque historicamente, no Brasil, a educação escolar para as populações indígenas tem servido como instrumentos de aculturação e destruição das respectivas etnias. A maioria dos grupos indígenas hoje reivindica uma escolarização formal com características próprias e diferenciadas, respeitadas e reforçadas suas especificidades culturais. Um destes avanços no município de Sapezal foi de respeitar o que esta na Constituição Federal de 88, através do artigo 210, que garante ao índio o direito onde as escolas indígenas deixarão de ser um instrumento de imposição de valores e normas culturais da sociedade envolvente para se tornarem um novo espaço de ensino-aprendizagem, fundada na construção coletiva de cada grupo étnico e o objetivo, é de garantir que as ações educacionais para a população indígena fundamentam-se no reconhecimento de suas organizações sociais, costumes, tradições e seus processos próprios de transmissão do saber.

A partir desta concepção, as escolas começam a serem vistas com outros olhares, os professores indígenas junto com suas comunidades começaram a ser ouvidos, buscando sua própria autonomia mudando seu Currículo, Calendário Escolar, a construção do seu Projeto Político Pedagógico, Cartilhas didáticas e o Regimento Interno das escolas onde buscam amarrar o direito o dever e a cultura. Tudo que antes vinham pronto da Secretaria Municipal de Educação, passa a ser repensando, reflexível e autônomo através de pensamentos coletivos.

Toda essa iniciativa ajudou a equipe da Secretaria de Educação e da Prefeitura de Sapezal a conhecerem os direitos garantidos pelas Leis, e que era preciso, portanto, mudar as práticas de trabalho nas escolas indígenas atendendo

os interesses da comunidade e conhecendo a diversidade que aqui existe para podermos fazer uma educação escolar de qualidade, respeitando a educação tradicional das etnias presente no município.

Nesse sentido, o município partiu para iniciativas que levassem a conhecer a educação escolar indígena de cada povo do seu município, onde ela passa a ser incluída ao interesse da Prefeitura e da Secretaria de Educação, respeitando as suas especificidades, os direitos e deveres, seu projeto político pedagógico construído por todos da comunidade juntamente com apoio do departamento indígena da Secretaria, as comunidades indígenas começam a ter autonomia em relação à merenda escolar, aonde cada escola faz a escolha do seu cardápio pela primeira vez, o índio entra para fazer parte do conselho da merenda e outros como: FUNDB, Cultura e Turismo, onde se mantém conselheiros indígenas até os dias atuais.

O currículo é bem específico onde se trabalha muito com a ciência da matemática e da natureza, a língua materna, o processo linguístico de cada grupo com a arte e cultura tradicional de cada povo, as ciências sociais com filosofia, na antropologia e na pedagogia de cada sociedade indígena, assim afirmando a identidade étnica. O Calendário obedece às datas culturais que estão propostos no Projeto Político Pedagógico de cada escola, respeitando assim, as festas culturais do povo. A escola tem um papel fundamental no processo da revitalização da cultura daquela comunidade, o símbolo do calendário é a lua, porque para os povos indígenas, a lua é um dos astros que representa a orientação da contagem do tempo e de várias coisas na sua cultura. Exemplo do povo Nambikwara: quando uma mulher ficava gestante, ela começava contando a lua até dar à luz.

A Escola Específica Diferenciada está garantida no Plano Municipal de Educação, mas um avanço para os povos indígenas de poderem direcionar suas metas, o que esperam da educação escolar que para eles não é separada da educação tradicional.

Assim, o município vem atendendo cada vez melhor as escolas indígenas, criando mais uma escola do povo Paresi Escola Indígena Vandermiro Yamore. Confeccionamos material didático específico na língua indígena, para que a alfabetização seja na língua mãe e que possam assegurar a língua materna e em seguida aprendam a segunda língua que é o português na escola, isso acontece em algumas das nossas escolas indígenas do município.

Os professores depois do Projeto em Magistério Intercultural, buscaram a formação continuada terminando a licenciatura no curso específico para professores indígenas na UNEMAT da Barra do Bugres, como também após graduação. Percebe muitos avanços na educação escolar indígena no Município de Sapezal, assim continuamos com a formação para os professores e monitores nas áreas que demonstra dificuldade na sala com os alunos.

No decorrer destes dezessete anos, muitas comunidades indígenas mudaram o nome da escola, por que alguns destes nomes não tinham sido escolhidos pela comunidade e não sabiam nem o que significavam. Pois, apesar do processo escolar, para eles parecem ser a muito tempo, mas sabemos que sempre foram impostos por religião e outros, esse modo democrático de poder escolher e decidir junto com suas comunidades, os seus interesses coletivos tem muito pouco tempo, e com essa autonomia, fizeram com que eles quisessem mudar para uma nova realidade, mostrando o seu mundo a identidade de seu povo, dos seus significados, da sua arte, etc. Portanto, mudaram o nome de suas escolas, nos ajudando a compreender o mundo deles, porque seus sentimentos mais íntimos estão na arte, nas cerimônias, no convívio com a natureza na língua em fim na cultura.

Escola Zanakwa passa a se chamar, Escola Indígena Utiariti, que significa “um pajé poderoso que se transformou em um pássaro”. Localiza-se na aldeia Utiariti.

Escola Halotesu passa a se chamar Escola Indígena Wakalitesu, e um subgrupo do povo Nambikwara que pertence à região de Sapezal e essa palavra Wakalitesu significa para eles jacaré. Localizam-se na aldeia Três Jacu.

Escola Indígena Yeptei passa a se chamar Escola Indígena Lino Araxi Irantxe, recebeu este nome pela comunidade Caititu que presta uma homenagem a um guerreiro Irantxe, fundador dessa aldeia. Localiza-se na aldeia Caititu.

Escola Indígena Salto da Mulher, é um mito do povo Paresi. Conta a história de uma mulher que desrespeitou o costume de não pescar durante o período em que estava menstruada. Ela estava com seu filho e os dois foram levados por um bicho que, segundo o mito, parecia um tacho de torrar farinha. Localiza-se na aldeia Salto da Mulher.

Escola Indígena Vandermiro Yamore, uma homenagem à pessoa que fundou a aldeia e que tanto lutou pelo seu povo. Localiza-se na aldeia Vale do Rio Papagaio.

A educação indígena no município de Sapezal sempre foi e é realizada em duas frentes, ou seja, nas próprias aldeias (Ensino Fundamental 1º a 5º ano) e na cidade (Ensino Fundamental 6º a 9º ano e Ensino Médio). Os professores que lecionam nas aldeias todos são índios. Alguns com formação e outros cursando o magistério indígena.

A educação escolar indígena hoje mostra uma contextualização entre os espaços o cotidiano dos recursos naturais, minerais que formam a base material da reprodução cultural do grupo social, assegura as novas gerações a todo tempo entre o mundo tecnológico e o da cultura. Cosmovisão cultural e o conhecimento e dos valores através do quer se quer viver e aprender entre o escolar e o tradicional. Esse modo de entender, fazer e viver, assim, nas ações e seus significados, no tempo e no espaço, expressos nas práticas sociais cotidianas, sendo um ponto de partida para o estabelecimento do processo educativo.

A história da Educação escolar indígena no Município de Sapezal aconteceu assim, tentando primeiramente compreender mundo dos povos que aqui habitam, buscando valorizar a cultura porque até então era tudo muito estranho para a comunidade local.

Para que pudéssemos compreender melhor esses valores precisávamos, fortalecer a identidade cultural dos povos indígenas presentes no município, buscando junto, a autonomia para o currículo intercultural específico e diferenciado, que aborda conteúdos das culturas indígenas e de outras, assim como os conhecimentos universais que interessam às necessidades da continuidade. Para isso, durante todo o processo escolar, as línguas indígenas e a língua portuguesa, seriam asseguradas, no currículo como instrumentos necessários para a aprendizagem dos alunos, como os conteúdos culturais.

Houve muitos avanços conquistados pelos professores indígenas, na construção coletiva do trabalho pedagógico, embora reflitam um processo que se vincula a um movimento social mais amplo no coletivo de toda a comunidade, na proposta do currículo específico e diferenciado. As ações práticas, as reflexões estão sendo pensada construída, através das experiências e dos conhecimentos que ocorre no cotidiano, buscando entre educação e prática social.

Assim, o currículo das escolas de Sapezal se define como proposta específica e diferenciada, almejada pelas comunidades indígenas, onde preside as atividades educativas nas duas esferas: a tradicional e a escolar, e cada uma proporciona suas orientações adequadas, respeitando a diversidade onde possa atender as peculiaridades reais das diferentes realidades.

Tendo como objetivos – processos de crescimento pessoal e conhecimento mitológico do cotidiano, como conteúdo referencial nacional, fortalecendo o currículo diferenciado – que é o objeto de aprendizagem. Sabemos que avançamos muito, mas temos ainda que avançar, pensar e refletir sobre as propostas já discutidas na comunidade, para que os alunos que saem para estudar na cidade consigam terminar o ensino médio, para trazer para sua

comunidade os conhecimentos adquiridos, onde possam ajudar no dia-a-dia do povo.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao escrever este artigo, contando a história da educação escolar indígena no município de Sapezal, podendo mostrar as informações e o conhecimento sobre o processo de como tudo começou, os avanços que as comunidades tiveram na busca de sua autonomia. Encontramos muita dificuldade, porque tudo era muito novo a população que aqui vivia poucos conhecia as populações indígenas local e a educação escolar para esses povos somente imposta por algumas ações, não existiam escola davam aula nas próprias casas, a proposta pedagógica e o currículo tudo vinham pronto da secretarias.

No momento que Sapezal deixa de ser distrito de Campo Novo do Parecis e passa a ser município foi que vieram a tomar conta que existiam populações indígenas diferente no município e tinham que assumi-los como munícipes.

Sendo assim, como não tinham informações suficientes de como trabalhar com essa diversidade, foi quando apareceram algumas informações que alguns professores indígenas que ficaram pertencentes a esse município estavam fazendo o projeto Tucum – magistério indígena. Fomos atrás para conhecer esse projeto e como o município ia participar e o que tínhamos que fazer.

Foi quando assumi essas escolas indígenas sem conhecimento nenhum no primeiro momento minha cabeça rodava, achei tudo muito estranho comparado ao meu cotidiano, mas busquei aprender e a ouvir as necessidades de cada um.

Gostaria de dizer que foi e é uma riqueza muito grande estar no meio desta população cada dia que passa a novas descobertas, tudo muito mágico, simbólico e cosmológico.

Assim, os povos Nambikwara e Paresi, buscamos através de ambas as experiências construir a Educação Escolar Indígena específica e diferenciada tão sonhada através do dialogo.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO, SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO, UNIVERSIDADE DO ESTADO DO MATO GROSSO, FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDIO - **3º Grau Indígena –Projeto de Formação de Professores Indígena** (revisão resumida). Barra do Bugres-MT. 2001.

REFERENCIAL, CURRICULARES NACIONAL PARA AS ESCOLAS INDÍGENAS – Brasília, SEF/MEC, 1998.

SILVA, Aracy Lopes da; GRUPIONI, Luiz Donisete- (organizadores) **A Temática Indígena na Escola**. MEC-MARI-UNESCO, 1995.

SECRETARIA DO ESTADO DE EDUCAÇÃO, CORDENAÇÃO DE ASSUNTOS INDÍGENAS-**Projeto Tucum-Programa de Formação de Professoras indígenas para o Magistério**, Cuiabá-MT, 1996/2000.

SILVIA, Marcio F; **AZEVEDO**, Martha M. **Pensando as Escolas dos Povos Indígenas no Brasil: O Movimento de Professores Indígenas no Acre, Amazonas e Roraima**, 1995.

SILVA, Aracy Lopes da. **A Questão da Educação Indígena**. Comissão Pro - Índio/SP.são Paulo:brasiliense,1981.

VALENTIM, Maria Margarete Noronha- Prefeitura Municipal de Sapezal-Secretario de Educação de sapezal. **Escolas Indígenas do Município de Sapezal**. Editora São Francisco Sapezal – MT, 2010.